

No cubo de gelo, cristalino e puro,
um dado preso, em silêncio duro.
Transparente prisão, fria e bela,
esconde o número, sorte ou novela.

Dois pontinhos brilham, como olhos no breu,
acaso congelado, destino que deu.
Mas o tempo avança, derrete devagar,
liberta o metal, faz o jogo girar.

Efêmero instante, poesia no frio,
entre o fixo e o fluir, o mistério é o rio.
Gelo que guarda, e logo se vai,
dado que rola: quem dirá o porquai?